

EDITORIAL

O Instituto São Paulo de Estudos Superiores tem a satisfação de poder oferecer aos leitores da revista ESPAÇOS mais um número onde a temática de fundo quer possibilitar o aprofundamento do tema da utopia, que está intimamente relacionada com os desafios que as transformações culturais suscitam à teologia. Recentemente em palestra na PUC-SP, o cientista e escritor Ray Kurzweil aventou a possibilidade de se ter, em futuro próximo e pelo avanço da biotecnologia, *uma rede invisível de computadores profundamente integrados no ambiente, em nossos corpos e dentro de nosso próprio cérebro*, pelo que tornar-se-á difícil saber onde acabam os seres humanos e começam as máquinas. O subtítulo dessa reportagem é provocador: *o profeta da era das máquinas espirituais*. (OESP, 13/11/2006, p. L 1 e 10).

Não se trata de questionar a factibilidade dessas previsões, mas buscar compreender a presença e o significado da abertura utópica presente no ser humano e a sua significação para entender a aventura religiosa que a humanidade tem realizado ao longo da sua história. Os articulistas desta edição se propuseram a oferecer elementos para se compreender algumas etapas desse processo.

Pelos caminhos da história recente, o professor Adailton M. Augusto leva-nos a ver na abertura utópica as raízes da construção da liberdade humana. A professora Eliana Massih, em diálogo com uma teoria do amadurecimento humano, faz-nos ver o complexo processo psicológico da construção dessa abertura no horizonte da psicologia do fenômeno religioso. Debruçando-se numa leitura do livro de Daniel, o professor Rafael Rodrigues abre a possibilidade de compreender o fator utópico da alma é um requisito para solidificar a fortaleza que leva a fé religiosa resistir às perseguições.

Perseguições que à luz da conclusão do sermão da montanha é uma previsão para o discípulo de Jesus Cristo, e que os bacharelados em teologia, Sonia e José Carlos Bordon Gomes, orientados pelo professor Daniel Godoy buscam contextualizar historicamente à luz de uma leitura do Apocalipse. Por outro lado e distante de dramaticidade apocalíptica, busca-se compreender a função da visão utópica no cotidiano da existência é

objeto da contribuição do professor José L. Cazarotto para que se possa olhar para além da mediocridade do nosso dia-a-dia.

As demais contribuições dos comentários podem ser também ser lidas em chave utópica, embora não tenham sido pensadas nessa perspectiva. A análise de pressupostos teórico-históricos, seja de uma obra de grande sucesso editorial que pretende interpretar racionalmente um fato originante de um movimento religioso, como é a vida de Jesus de Nazaré (E. Hoor-naert), seja um movimento histórico renovador dentro de uma corrente utópica geradas pela crença ilimitada nas luzes da razão humana (A. G. Mendonça), seja a perplexidade que a fragilidade de uma doença específica revela para a responsabilidade comportamental humana (J. Trasferetti), seja a esperança de um pensar teológico que permita resistir aos encantos religiosos de um movimento cultural que parece propor um outro caminho de felicidade para o coração humano (A. F. de Oliveira).

Esperamos que todas essas contribuições possam ajudar a você, leitor ou leitora, situar o fator utópico no contexto concreto da sua existência e no conjunto da aventura humana.

A todos os que puderam colaborar com esta publicação o nosso agradecimento.

*Luiz Gonzaga Scudeler,
Diretor*